ÁREA TEMÁTICA: EDUCAÇÃO

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS EM CONFLITO COM A LEI

Letícia Fraga[1]

RESUMO – Este projeto é fruto de uma profunda reflexão sobre as dificuldades que um segmento social específico, o do adolescente em conflito com a lei, encontra em relação ao ensino de língua portuguesa. São flagrantes a preocupação e a insegurança que perseguem esses alunos: pouquíssimos se dizem conhecedores da língua portuguesa e afirmam se sentir à vontade no momento em que têm de ler ou produzir um texto. No entanto, apesar das dificuldades, para este aluno especificamente muitas vezes ler e produzir textos são habilidades essenciais para se fazer ouvir. Nesse sentido, esse projeto tenta aproximar as práticas pedagógicas da escola que frequenta o adolescente privado de liberdade ao objetivo principal do ensino de língua portuguesa no ensino fundamental: formar um escritor-leitor competente. Isso através do desenvolvimento de atividades de leitura e escrita adequadas a esse aluno e ao seu contexto. Pode-se dizer que este projeto atingiu os objetivos a que se propôs, uma vez que levou a discussão sobre a necessidade de a escola assumir a responsabilidade de formar leitores-escritores competentes até pessoas muitas vezes esquecidas, o adolescente que estuda em privação de liberdade. Muitas vezes, para esse aluno dominar a língua pode fazer a diferença entre ter voz ou não ter vez, pois "este domínio tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social. E é por meio dessa participação social que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos" (PCN, 1998, p. 15).

PALAVRAS CHAVE – alfabetização; leitura; escrita.

Introdução

> **- Você não sabe o alfabeto? A sequência das letras?**
> - Não. Eu se confundo.
> **- Então vamos fazer assim: você vai pedir pra alguém te ajudar, alguém da casa que sabe ler bem. Daí essa pessoa vai te ajudar e você vai decorar a sequência das letras do alfabeto. Faz como se fosse uma música. Tá? Depois você fica falando até decorar tudo sozinho. Não liga se alguém tirar sarro de você porque você tá falando sozinho. Você tá tentando aprender, não é?**
> - Ih, dona, mas isso aqui não tem?
> **- Não tem o quê?**
> - Ninguém tira sarro de ninguém não. E todo mundo fala sozinho. Ninguém acha que o outro é louco. Todo mundo fala sozinho porque tem vezes que você não tem com quem falar, daí fala sozinho.

O convite para participar de um projeto de extensão junto ao Centro Socioeducacional Dom Bosco de Ponta Grossa surgiu no início de 2008. Na verdade, deu-se mais um "oferecimento" de minha parte do que propriamente um convite. Diante dos relatos do que via, ouvia e vivia em suas visitas aos

[1] Doutor, Professor Adjunto A, leticiafraga@gmail.com.

meninos do educandário, a professora Djane Correa despertava cada vez mais o interesse que eu tinha em conhecer a cada interno e a suas histórias de vida. Por razões pessoais, tive de adiar a minha ida ao centro para o segundo semestre daquele ano. No entanto, até aquele momento, procurei me manter a par do projeto por meio de conversas com a professora Djane.

Em julho daquele ano finalmente iniciaria minhas atividades na unidade. Antes de ir ao centro, teríamos de decidir de que modo eu poderia contribuir mais em relação ao desenvolvimento do projeto. Foi então que a professora Djane me disse que vinha enfrentando uma situação que a angustiava: as dificuldades de escrita que apresentavam alguns dos internos. Muitos eram praticamente analfabetos e talvez a minha participação fosse mais importante no trabalho com esses alunos, devido, especialmente, a minha formação em fonética/fonologia. Em conjunto com a coordenadora pedagógica da unidade, decidimos dividir os alunos que participariam das atividades em dois grupos considerando alguns critérios. Quanto à escolha dos alunos que participariam das atividades, a única exigência que fizemos foi a de que os alunos selecionados manifestassem o desejo de participar. Estes seriam então divididos em dois grupos, de acordo com a proficiência escrita e em leitura que afirmavam ter. A mim couberam os alunos que afirmavam *não saber escrever e/ou ler nada*, *muito pouco* ou mesmo *muito mal* e à professora Djane, os que manifestavam proficiência. Além disso, havia a questão da segurança dos internos e dos profissionais que trabalham no educandário, que estabelecia que nenhuma atividade de sala de aula pudesse ocorrer com mais de seis alunos num mesmo local. Assim, estabelecemos que eu trabalharia no máximo com 4 alunos ao mesmo tempo, considerando que seria provável que esses 4 não tivessem noção nenhuma de escrita.

No que diz respeito às atividades que realizaríamos, decidimos que não predeterminaríamos nada: decidiríamos em conjunto com os alunos sobre o que eles escreveriam e para quem, porque o objetivo era que isso fosse decidido considerando o que era interessante e significativo para eles.

Em 19 de agosto de 2008, encontrei-me pela primeira vez com os meus alunos. Nesse primeiro encontro tive uma longa conversa com o interno J. Z. O foco da conversa foi a vida escolar de J. Z. e as dificuldades que este tinha em relação à escrita.

Somente então nossa proposta de trabalho então foi-se delineando: realizaríamos atividades com os alunos para que se resolvessem as suas dificuldades e ao mesmo tempo faríamos uma pesquisa sobre a história escolar desses alunos: eles seriam questionados quanto à importância da escrita/leitura para a vida deles, quanto ao que pensam sobre sua escrita/leitura, quanto a sua condição de "sem-escrita", quanto a sua posição de inferioridade/igualdade/superioridade em relação aos jovens alfabetizados, quanto às possíveis vantagens que eles obterão ao se alfabetizarem.

Considerando a realidade encontrada (as dificuldades dos alunos, o histórico difícil com relação à escola, e as minhas possibilidades de trabalho – só poderia ir à unidade uma vez por semana), decidimos que cada um escreveria suas memórias (em prosa ou em verso, parte ficcional ou 100% realidade) e essas memórias seriam compiladas e publicadas em um livro.

Objetivos

O objetivo deste projeto de extensão era desenvolver atividades de leitura e escrita com os internos de modo que eles fossem capazes de:

- Compreender o que a escrita representa e também de que forma ela representa graficamente a linguagem
- Conhecer o sistema alfabético de escrita e algumas convenções ortográficas do português, de modo que eles possam ler e escrever por si mesmos.

Metodologia

A nossa rotina era a de conversar um pouco sobre a semana, eles geralmente me perguntavam coisas sobre futebol, política, cinema, literatura (o mundo "de fora") e então eu entregava os cadernos e cada um relia o que havia escrito para então continuar de onde havia parado. Como os alunos que trabalham comigo têm bastante dificuldade, a aula era bem movimentada. À medida que vão escrevendo, os aluno iam fazendo perguntas sobre ortografia em geral, pontuação.

Era comum também que eles lessem o que tinham escrito para os colegas, que sempre elogiavam o que esse tinha feito. Ter letra feia é sinônimo de "escrever mal", eles sempre me

perguntavam se estavam “escrevendo bem”, ou seja, se a letra estava boa. E também valorizavam a quantidade do que haviam escrito. Escrever bem é sinônimo de escrever bastante. Eles inclusive comparavam as atividades de cada dia. “Olha como eu to melhorando, professora. Hoje escrevi uma página inteira”.

Resultados

Como resultados parciais, descobrimos que a grande maioria dos alunos abandonou a escola por volta da quarta ou quinta série, alegando que a mudança do sistema de um único professor para vários foi muito ruim. Todos afirmaram que sempre tiveram dificuldades na escola, alguns em função de serem hiperativos (que foram diagnosticados mais tarde inclusive fazendo tratamento para tal no próprio Cense) e outro por apresentar disortografia (jamais diagnosticada ou tratada).

No entanto, o que mais nos chamou atenção no contato semanal com os alunos foi a descoberta de que, na grande maioria dos casos, os que se diziam analfabetos não o serem. Convivi com mais ou menos 10 meninos, dos quais pelo menos a metade se dizia *completamente* analfabeta. No entanto, somente um aluno realmente não havia ultrapassado a etapa de relacionar letra e som. Todos os outros liam e escreviam (uns com mais fluência, outros com menos). Descobri também que esses mesmos alunos “analfabetos” usavam com certa fluência uma espécie de língua de sinais (era uma adaptação de libras: os alunos soletravam – numa velocidade impressionante – palavras para assim formar frases usando os sinais que correspondem ao alfabeto daquela língua) e também a “língua do pê” para se comunicarem depois das 10 da noite (quando então deveriam fazer total silêncio) ou para falarem e não serem compreendidos pelos educadores da unidade. A observação é no mínimo intrigante: como pessoas “analfabetas” soletram uma palavra e/ou são capazes de separá-la em sílabas?

Conclusões

Desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa tem sido o centro da discussão sobre a necessidade de melhorar a qualidade da educação no país. No ensino fundamental, no que diz respeito ao fracasso escolar, discute-se, principalmente, a questão da leitura e da escrita. Tem-se conhecimento de que os altos índices de repetência nas séries iniciais estão ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever.

Concluímos, pois, que este projeto atingiu os objetivos a que se propôs, uma vez que levou a discussão sobre a necessidade de a escola assumir a responsabilidade de formar leitores-escritores competentes até pessoas muitas vezes esquecidas, o adolescente que estuda em privação de liberdade. Muitas vezes, para esse aluno dominar a língua pode fazer a diferença entre ter voz ou não ter vez, pois “este domínio tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social. E é por meio dessa participação social que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos” (PCN, 1998, p. 15).

Referências

BRASIL. MEC. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa:** ensino fundamental. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1998.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística.** 9. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu.** São Paulo: Scipione, 2000.

CAGLIARI, L. C.; MASSINE-CAGLIARI, G. **Diante das letras:** a escrita na alfabetização. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Ltda,1985.

FARACO, C. A. **Escrita e alfabetização.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. 33. ed. São Paulo: Cortez,1997.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento.** Campinas: Mercado de letras, 1995.

LÜDKE, M. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo. EPU, 1986.

MATENCIO, M. L. M. **Leitura, produção de textos e a escola**: reflexões sobre o processo de letramento. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná:** Língua Portuguesa. Curitiba: SEED, 2006.

ROJO, R. **Alfabetização e letramento:** perspectivas lingüísticas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SIGNORINI, Inês. A escrita dá vida, mas também pode matá. In: **Leitura**: teoria e prática. Ano 13, n. 24. Dez. 94.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2007.